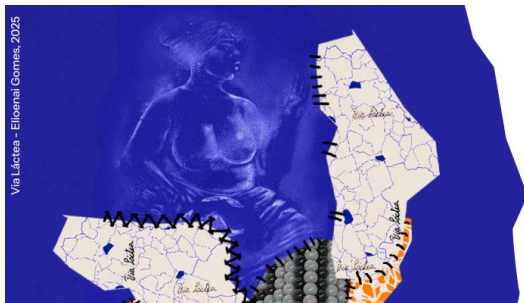




CRIAÇÃO EM DANÇA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DE MEMÓRIAS E INVENÇÕES INSPIRADAS NA POESIA DE MANOEL DE BARROS

CREATION IN CONTEMPORARY DANCE BASED ON MEMORIES AND INVENTIONS INSPIRED BY THE POETRY OF MANOEL DE BARROS

Rosana Baptistella ¹

UEMS; UNESP

Verónica Daniela Navarro ²

UFBA; UEMS

Matheus Vinícius de Sousa Fernandes ³

UEMS

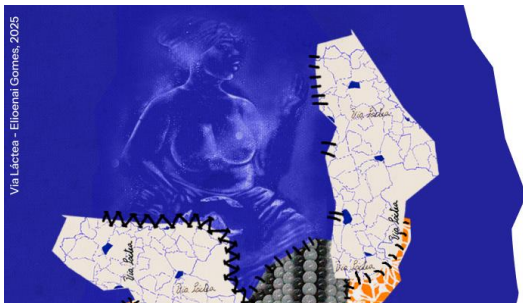
Resumo: O seguinte artigo advém de um estudo teórico-prático desenvolvido dentro do escopo de um projeto de pesquisa que propõe investigar e refletir sobre memória, leitura e experiência, a partir dos conceitos corporivivência (Baptistella; Costa) e rememoração (Benjamin). Uma das investigações do projeto resultou na criação coletiva “No Quintal de/com Manoel”, performance que amalgama poesia, dança, jogos e brincadeiras. Considerando que todos os membros do projeto são professores de Arte - formados ou em formação -, essa pesquisa ecoa na educação, através do trabalho dos docentes e licenciandos envolvidos. Apresenta-se uma possibilidade de formação sensível, crítica e coletiva, tendo o corpo como potência de invenção e de política de vida, capaz de deslocar fronteiras e inaugurar novos modos de existir e de pensar, ampliando leituras de mundo e esperando (Freire).

Palavras-chave: corporivivências; Manoel de Barros; processo criativo; performance.

¹ Pós-doutoranda Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (UNESP); Docente e pesquisadora dos cursos de Dança e Teatro (licenciaturas) e do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação – ProfEduc da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Líder do Grupo de Pesquisa Poéticas e Educação em Dança - GPPED (UEMS/CNPq). <http://lattes.cnpq.br/9717920668430451>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7585-9053>.

² Arte-educadora, Artista da cena e Pesquisadora. Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia, atualmente é professora substituta nos cursos de Licenciatura em Dança e Teatro da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e cursa o estágio Pós-Doutoral no programa de Pós Graduação em Arte Cênicas da Universidade Federal da Bahia. (CNPQ). <http://lattes.cnpq.br/1411394350712553> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4666-0368>.

³ Professor e diretor em Teatro. Doutor em Educação (UFSC), Mestre em Teatro (UDESC), Especialista em Arte e Educação e licenciado em Teatro (UFGD), com período sanduíche na Universidad de Guanajuato (México). Professor Efetivo dos cursos de Teatro e Dança da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. <http://lattes.cnpq.br/3690034241513867>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3368-9505>.



Abstract: Abstract: The following article stems from a theoretical-practical study developed within the scope of a research project that proposes to investigate and reflect on memory, reading, and experience, based on the concepts of corporeality (Baptistella; Costa) and remembrance (Benjamin). One of the project's investigations resulted in the collective creation of “No Quintal de/com Manoel” (In the Backyard of/with Manoel), a performance that combines poetry, dance, games, and play. Considering that all members of the project are art teachers—either trained or in training—this research resonates in education through the work of the teachers and teacher trainees involved. It presents a possibility for sensitive, critical, and collective training, using the body as a source of invention and life policy, capable of shifting boundaries and inaugurating new ways of existing and thinking, broadening interpretations of the world and fostering hope (Freire).

Keywords: corporivivências; Manoel de Barros; creative process; performance.

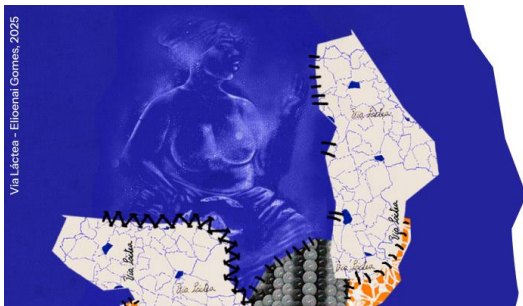
1 Introdução: Pesquisa, Memória e Criação

O presente artigo refere-se a um estudo prático-teórico desenvolvido dentro do escopo do projeto de pesquisa intitulado “Corporivivências em cena: rememorações e invenções em torno de festas e silêncio”⁴, coordenado pela professora Rosana Baptistella, com a colaboração da professora Verónica Daniela Navarro e dos professores Leonardo dos Santos Silva e Matheus Vinícius de Sousa Fernandes. Baseia-se no conceito de corporivivência (Baptistella; Costa, 2021), que propõe a escrita corporal de histórias e memórias, marcas e vestígios de experiências que ficaram inscritas no corpo; encontra-se um ponto de contato com o conceito escrevivência de Conceição Evaristo (2017), referindo-se a como cada pessoa escreve o mundo em que vive, assim como a vida é escrita na vivência de cada uma.

Essas investigações, que passam obrigatoriamente pelo corpo, em amálgama com a pesquisa teórica, orbitam memória, leitura e experiência, reverberando esses temas em danças e performatividade.

Pensar o corpo que dança na performatividade é desconectar-se da ideia de corpo com formas definidas por molduras pré-esquematizadas, que vai dançar organizando criativamente os materiais que já conhece. (...) No trabalho com a performatividade, a dança contemporânea vai se manter em um processo contínuo de reconfigurar-se (Setenta, 2008, p.85).

⁴ Projeto de pesquisa em andamento, sendo desenvolvido na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), em estágio pós-doutoral e registrado também na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).



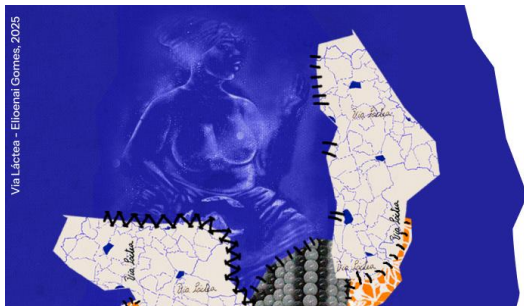
Assim, vamos no giro contrário aos estudos coloniais, hegemônicos, que partem do outro, do que é imposto pela cultura dominante e norteadora, que vem de fora, colocada como superior e como único conhecimento válido. Acompanhamos os movimentos contra-hegemônicos e comungamos com o suleamento (Freire, 2020, p.33) que não obedece a hierarquias impostas, mas valoriza diferentes saberes, muitas vezes considerados inferiores ou sem importância.

As sabedorias ancestrais ensinam que não existe no universo o grande e o pequeno. O que há é a harmonia entre as coisas que possuem tamanhos distintos, sem relações de grandeza que, desprovidas de sentidos, não acrescentam nem diminuem nada. Nesse sentindo, o encantamento dribla e enfeitiça as lógicas que querem apreender a vida em um único modelo, quase sempre ligado a um senso produtivista e utilitário. Daí o encanto ser uma pulsação que rasga o humano para lhe transformar em bicho, vento, olho d'água, pedra de rio e grão de areia (Simas; Rufino, 2020, p.9).

Nesse ponto, encontramos Manoel de Barros, poeta de nossa região, cujas obras vêm sendo estudadas pelo grupo de pesquisa, desde o projeto “Corporivivências – memória, leitura e dança” (2021-2024)⁵. Dessas conexões, do texto para a memória, da memória para o corpo em movimento, elaboramos uma performance que se constitui como um dos resultados da pesquisa, desenvolvida por membros do grupo – docentes e discentes. Compartilhamos travessias e narrativas individuais, brincamos, dançamos e jogamos, provocados pelos elementos presentes a cada encontro: os poemas, o lugar, o tempo, as relações entre as pessoas e criamos coletivamente: “No quintal de Manoel”, que depois veio a ser “No quintal com Manoel”, por razões descritas no desenvolvimento do artigo.

A performance foi desenvolvida no primeiro semestre de 2025, a partir de uma imersão no universo do poeta, em especial as infâncias, nas obras “Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros” (Barros, 2008) e “Memórias Inventadas para Crianças” (Barros, 2010), investigando-se as memórias que os textos suscitavam em cada uma das participantes, produzindo narrativas escritas, orais e, principalmente, corporais. Como mover as memórias? Como mover a poesia?

⁵ Projeto de pesquisa registrado junto à Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Edital PROPP/UEMS n. 004/2018/ fluxo contínuo.



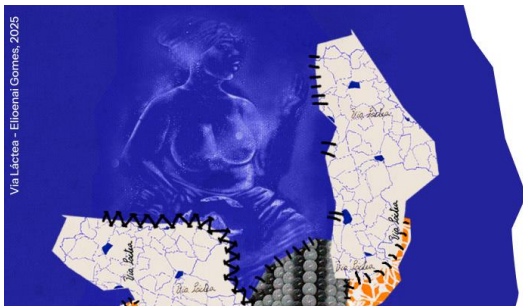
A memória, para Benjamin, é a musa do narrador; “(...) seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira” (Benjamin, 1994, p.221) e assim nos vimos como narradoras, dançando nossas histórias e as de Manoel, as vividas e as inventadas.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 DESIMPORTÂNCIAS E DESPERDÍCIOS

“O apanhador de desperdícios” é um poema que se pode ler como um manifesto político, uma vez que suas palavras parecem repensar o cotidiano, com outra lógica: olhando para o silêncio, em tempos de tantos ruídos; para o sotaque das águas, quando o capitalismo enxerga nelas apenas lucro; para as tartarugas, sabendo que a tônica do momento é a alta velocidade de informações e deslocamentos; para as desimportâncias, quando em geral as pessoas têm buscado um lugar de destaque e de importância no mundo.

Uso a palavra para compor meus silêncios.
 Não gosto das palavras
 fatigadas de informar.
 Dou mais respeito
 às que vivem de barriga no chão
 tipo água pedra sapo.
 Entendo bem o sotaque das águas
 Dou respeito às coisas desimportantes
 e aos seres desimportantes.
 Prezo insetos mais que aviões.
 Prezo a velocidade
 das tartarugas mais que a dos mísseis.
 Tenho em mim um atraso de nascença.
 Eu fui aparelhado
 para gostar de passarinhos.
 Tenho abundância de ser feliz por isso.
 Meu quintal é maior do que o mundo.
 Sou um apanhador de desperdícios:
 Amo os restos
 como as boas moscas.
 Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
 Porque eu não sou da informática:
 eu sou da invencionática.
 Só uso a palavra para compor meus silêncios (Barros, 2010, p. 13).



As⁶ discentes⁷ membros do grupo e participantes da pesquisa, foram provocadas pelas docentes pesquisadoras, a trazerem à tona suas memórias de infância e seus quintais: O que cada uma carrega inscrito em seu corpo, que ecoam quando entram em contato com os textos de Manoel de Barros, em corporivivências (Baptistella; Costa, 2021)? Quais rememorações (Benjamin, 1994) reverberam no corpo, elaborando narrativas, indicando caminhos criativos, através de movimentos, falas e silêncios?

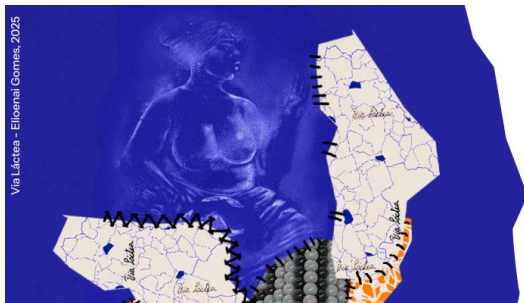
2.2 NO QUINTAL DE MANOEL

A performance foi nomeada, num primeiro momento, "No quintal de Manoel", quando estava ligada ao maior quintal do mundo (Barros, 2010). A visita à "Casa Quintal Manoel de Barros", em Campo Grande, a qual funciona como um espaço de preservação da memória da obra do escritor, e cujo tempo e contemplação em seu quintal encantou a todas, alimentou nossa pesquisa e principalmente a realização dos laboratórios práticos. Dentro do grupo de pesquisa, trabalhamos a pesquisa-criação como uma instância fundamental do fazer artístico, pelo que visitar o lugar que inspirou a obra do escritor foi fundamental para ativar e valorizar nossos próprios quintais de inspiração. Brincamos com as palavras imagéticas de Manoel, amalgamando-as a nossas memórias de brincadeiras em varandas, pátios, praças, ruas e quintais.

Trouxemos nossos lugares afetivos da infância; entre as discentes e docentes havia pessoas de diferentes gerações, que passaram suas infâncias em diferentes cidades, estados, regiões fronteiriças e até mesmo um outro país: Campo Grande, Dourados, Ponta Porã, Campinas, Americana, Salvador e La Pampa (Argentina). Com diferenças, mas também muitas afinidades: cada quintal cabia dentro dos outros, assim como se abria para receber os outros e virar um só, atravessando tempos e

⁶ Ao nos referirmos a grupos de pessoas de gêneros variados, optamos por usar o pronome feminino, considerando que a maioria se identifica com o gênero feminino.

⁷ As discentes do curso de Dança da UEMS, membros do grupo ligadas ao projeto, quando ocorreu esse processo, eram: Eduarda Zubieta, Giulia Maciel, Halisson Nunes, Karen Escobar, Madu Flores, Mel Figueiró, e a atriz convidada, egressa do curso de Artes Cênicas, Bianca Marconato.



espaços, num momento de encantamento (Simas; Rufino, 2020), em que tudo parecia ser possível, o tempo entrava em suspensão e o tom era dado pela brincadeira.

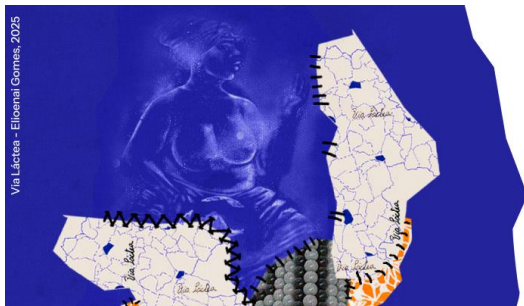
As brincadeiras, corporificadas e compartilhadas com as colegas do grupo, geraram jogos em que uma convidava a outra, alianças eram estabelecidas, havia disputa, enganação, desafios, fazendo de conta ou vivendo o momento festivo, da mesma forma como jogam as crianças, permitindo-se evadir-se da vida real e experimentar invenções, como uma das definições de jogo de Huizinga.

(...) o jogo não é vida “corrente” nem vida “real”. Pelo contrário, trata-se de uma evasão da vida “real” para uma esfera temporária de atividade com orientação própria. Toda criança sabe perfeitamente quando está “só fazendo de conta” ou quando está “só brincando” (Huizinga, 2010, p.10).

Desses jogos e improvisações, fomos encontrando nossa proposta coreográfica. Quando pensamos em criar, abrimos possibilidades de coexistência de vários mundos possíveis, onde intercambiamos ideias sobre o que queremos e desejamos. Testamos as possibilidades que temos e descartamos as que não queremos. É uma experiência de aprendizados onde não saímos igual a quando entramos.

É comum, no mundo da criação artística contemporânea, bem como em outros campos, falar de trabalho colaborativo. Especificamente em dança contemporânea, trabalhamos com a ideia de criação coletiva, amplamente utilizada, quando as intérpretes da obra são suas próprias criadoras. A muitos corpos, vamos trazendo elementos que vão tecendo a proposta. As ideias, as decisões e a encenação se baseiam em acordos, consensos e principalmente no que acontece durante o processo e a cooperação a partir dele. Aqui a figura das diretoras - neste caso fomos uma equipe de professoras -, se torna mais uma provocação ou um acompanhamento criativo de uma construção coletiva, sendo também cocriadoras.

Qual é o disparador para a improvisação? Sempre é uma questão para nós, criadoras, começarmos a mexer, testar, movimentar, experimentar. Trabalhando na linha de pesquisa Corpo, Leitura e Memória, do grupo de pesquisa GPPED (CNPq/UEMS), pretendemos provocar possibilidades criativas que estimulem formas internas de realizar a improvisação individual mas também coletiva, se tratando



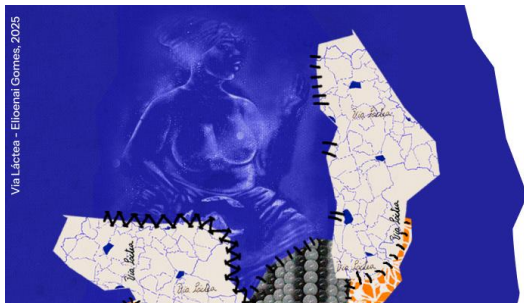
sobretudo de uma proposta grupal, gerando conhecimento, como podemos dialogar com Patrícia Chavarelli Vilela da Silva e Jarbas Siqueira Ramos, a seguir.

As ações individuais colaboram com as ações coletivas, o sujeito e o grupo se mesclam, se sintonizam, em experiências artísticas conjuntas sem, contudo, anular e/ou desconsiderar as singularidades. (...) Nesse sentido, improvisar é construir conhecimento, é desenvolver sabedoria, é estabelecer uma conexão perceptiva e sensível com o espaço ao seu redor, explorando as potencialidades do espaço e dos seres numa conexão entre corpo e ambiente (Silva; Ramos, 2015, p.145).

Os encontros do grupo são semanais e presenciais. A leitura é bastante presente, além dos textos teóricos, mas também os literários, uma vez que o grupo tem como base a escrita e a leitura como processos criativos, mais que disparadores ou dispositivos. O texto – lido e escrito – é trabalhado por nós como elemento fundamental da criação em dança.

Em um dos encontros, em abril de 2025, levamos o livro “Memórias Inventadas para Crianças” (Barros, 2010) e as discentes escolheram os poemas “O apanhador de desperdícios”, “O menino que ganhou um rio” e a frase que abre o livro, como uma epígrafe: “Tudo que não invento é falso”. Após experimentarem o texto no corpo, cada uma trouxe a síntese do que vivenciou, em uma roda de conversa, da leitura e do experimento em laboratório de criação. As frases das poesias se fizeram corpo reverberando, motivando a elaboração de células coreográficas.

Em outro encontro, continuando com a provocação criativa, partimos de poesias da obra “Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros” (Barros, 2008) em que, sem uma ordem estabelecidas, íamos lendo em voz alta enquanto as intérpretes-criadoras realizavam improvisação do que iam sentindo, o que as atravessava. Cheiros, imagens, texturas começavam a aparecer, entre vozes, sotaques e repertórios corporais incorporados a partir da improvisação e surgiam as primeiras células de nosso trabalho. Pega-pegas, passa-anel, estátua, rolar no chão, foram motes que chegaram, vindos das memórias, e ficaram, transformados em cena e coreografia. Na cena das estátuas, colocamos a frase que cada uma trouxe e que, agora, em cada toque corporal, expressava-se em formato de voz dançada.

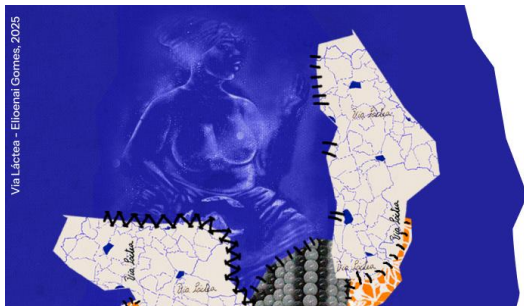


Sendo a apresentação pública do trabalho cênico uma das etapas bastante significativas do processo criativo, aceitamos alguns convites. Uma primeira versão foi apresentada no “73º Fórum da Associação Brasileira de Reitoras e Reitores das Universidades Estaduais e Municipais – ABRUEM”, no dia 22 de Maio de 2025, em Campo Grande/MS. No hall de entrada do hotel onde foi realizado o evento, experienciamos a ideia de irromper a atmosfera séria e contida, com brincadeiras, cantos, jogos, dança e a poesia de Manoel, para reviver a importância de nunca perdermos nossa criança, ainda que em contextos acadêmicos.

Figuras 1 e 2 – “No quintal de Manoel” - evento da ABRUEM. Foto: Renan Lima.



Fonte: Arquivo do Grupo.



2.3 NO QUINTAL COM MANOEL

Dando prosseguimento à criação, em constante movimento, os quintais pessoais foram crescendo, destacando-se, tornando-se mais presentes: foi como se, ao invés de estarmos brincando no quintal da casa de Manoel, estivéssemos convidando o escritor para brincar conosco, em nossos próprios quintais, amalgamando as palavras brincantes dele com nossas brincadeiras de infância. Então alteramos o título para “No quintal com Manoel”, uma vez que nosso cenário imaginário amalgamava vários quintais, mas mantinha a presença do poeta, com seus escritos, suas imagens, suas palavras e seus desenhos.

Percebemos então a importância de trazermos ainda mais as nossas crianças, de as sentirmos. Saímos da sala de dança, fomos para o quintal da universidade, no gramado, na terra vermelha, subimos nas árvores, ante o olhar atento das pessoas que passavam pelo espaço. Mas criança não para de brincar porque tem um público a olhando, ou sim? Assim, chamamos quem passava para pular corda, brincar de esconde-esconde, estátua, entre outras brincadeiras de infância que iam surgindo e sendo propostas. Nesse momento se fez necessário aprofundar mais sobre o estado corporal da criança, um estado brincante, que pode ser ativado no espaço cênico performático - e assim foi conduzido.

O desenho também foi inspiração para a criação. Manoel desenhava; na sua casa, há uma sala com desenhos seus, alguns emoldurados, outros pintados na parede. São imagens bastante lúdicas, parecem uma grande brincadeira, um experimento, como estava sendo também nosso trabalho. Então, com a colaboração da figurinista, adrecista e cenógrafa Helô Cardoso⁸, tivemos a ideia de bordarmos, nas camisetas coloridas do figurino, alguns desses desenhos (autorretratos, caracois, sóis...) e frases de escritas do poeta, que foram escolhidas .

⁸ Heloísa Cardoso Villaboim de Carvalho foi professora do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp desde sua fundação, nos anos 80, até recentemente, quando se aposentou.

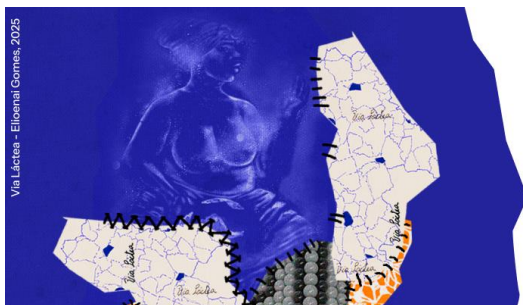


Figura 3 – Figurino de “No quintal com Manoel”



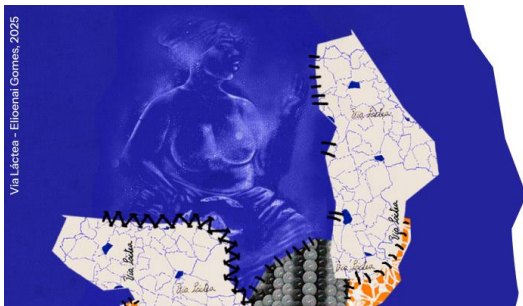
Fonte: Arquivo do Grupo.

Essa versão foi apresentada no dia 07 de junho de 2025 em Ponta Porã, a convite da curadoria do Festival Etnocultural dos Ervais, idealizado pelo Prof. Dr. Carlos Zamberlan (UEMS). A apresentação aconteceu na Praça Pedro Mainvailer, da Prefeitura Municipal dessa cidade fronteiriça, onde ocorreu como parte do Festival, uma Feira de Economia Criativa.

A praça permitiu o contexto perfeito para nosso trabalho. As possibilidades cenográficas da praça, como os bancos, as árvores e o público que estava no seu próprio quintal comunitário, deram uma atmosfera única para essa apresentação, já que as pessoas entraram na brincadeira de nossa dança, criando um espaço de corporivivências coletivas, ativando nosso estado criança.

Esta é, a meu ver, a força da performance: turbinar a relação do cidadão com a polis; do agente histórico com seu contexto; do vivente com o tempo, o espaço, o corpo, o outro, o consigo. Esta é a potência da performance: des-habitar, des-mecanizar, escovar a contra-pêlo (Fabião, 2008, p. 237).

Bastante representativo, termos finalizado esse ciclo no cenário vivo da praça de Ponta Porã, município limítrofe, uma vez que nos propomos a borrar fronteiras, amalgamar territórios e linguagens, como literatura, teatro, performance, dança e também os espaços ocupados pelos intérpretes e pelo público.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

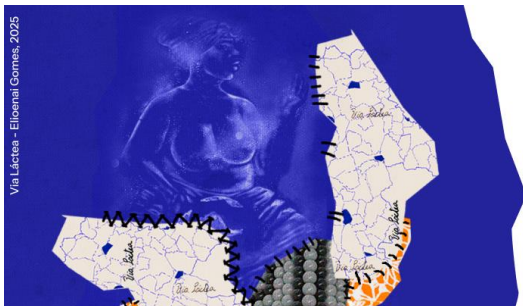
Apresentamos o projeto de pesquisa “Corporivivências em cena: memórias e invenções em torno de festas e silêncio”, trazendo, neste artigo, um de seus resultados parciais: o processo criativo coletivo em torno da obra de Manoel de Barros, a partir da articulação entre poesia, corpo e memória.

Ao adentrar os quintais manoescos e partilhar esse encontro poético, dançando, compreendemos a arte enquanto campo mediador de narrativas coletivas.

A performance “No quintal de/com Manoel” mostrou que a pesquisa-criação, desenvolvida tendo como base conceitos como corporivivência (Baptistella; Costa, 2021) e memória (Benjamin, 1994), estimula e potencializa modos de pensar e de fazer arte que rompem com paradigmas coloniais e hegemônicos, ao abrir-se para epistemologias outras, marcadas pelo suleamento (Freire, 2020) e pelo encantamento (Simas; Rufino, 2020). Portanto, encaminha-se para um gesto político e pedagógico que valoriza os saberes corporais, as memórias plurais e os encontros, pontos cruciais para a compreensão do processo criativo na perspectiva de jogo (Huizinga, 2010) que, levado a público, desvela a potência da performance (Fabião, 2008) ou, melhor dizendo, da dança na performatividade (Setenta, 2008).

Cabe salientar que a prática performativa reforça a relevância da improvisação e da escuta ativa, do estado de jogo e da brincadeira como dispositivos de criação em dança contemporânea e nas artes da cena, enquanto força de integração entre linguagens artísticas. O diálogo com a infância, os espaços da cidade ocupados em laboratórios e os textos de Manoel de Barros favoreceram uma invenção artística que não apenas produziu uma obra cênica, mas uma comunhão enquanto ato de reinvenção.

Ao final, conclui-se que a condução dos processos no escopo do projeto de pesquisa a que este artigo se refere, possibilita, além do resultado estético e artístico, um campo de formação sensível, crítico e coletivo, no qual a memória se corporifica em cena e se abre ao outro, sob a ótica de uma perspectiva pedagógica. Nesse sentido, cabe o entendimento do corpo enquanto potência de invenção e de política de vida, capaz de deslocar fronteiras e inaugurar novos modos de existir e de pensar.



REFERÊNCIAS

BAPTISTELLA, Rosana; COSTA, Daniel S. Corporivivências, enredos e caminhos de formação docente. In: STRAZZACAPPA, M.; CRUVINEL, Tiago; MENEGAZ, Wellington. *Pedagogias das Artes Cênicas*. Série Encontros. Volume 5. Curitiba: Editora CRV, 2021. E-book.

BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Editora Planeta, 2008. 102 p.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas para crianças*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010. 32 p.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Walter Benjamin - obras escolhidas - magia e técnica, arte e política*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. 200 p.

FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. *Sala Preta*, São Paulo, Brasil, v. 8, p. 235–246, 2008. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v8i0p235-246. Disponível em: <https://revistas.usp.br/salapreta/article/view/57373>. Acesso em: 29 ago 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 27ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020. 336 p.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. 6 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010. 256 p.

SETENTA, Jussara S. *O fazer-dizer do corpo – dança e performatividade*. Salvador: EDUFBA, 2008. 124 p.

SILVA, Patrícia Chavarelli Vilela da; RAMOS, Jarbas Siqueira. A improvisação em dança como ato político. *Revista Rascunhos* (UFU), v. 2, n. 2, p. 140-154, dezembro 2015. DOI: <https://doi.org/10.14393/RR-v2n2a2015-11>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/32463>. Acesso em: 29 ago 2025.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Encantamento - sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula, 2020. E-book. 33 páginas. Disponível em: <https://morula.com.br/wp-content/uploads/2020/05/Encantamento.pdf> . Acesso em: 10 set 2025.